VÉU DA NOIVA

Felipe Rodrigues
2016

Foto da capa: Del Rodrigues

I.

Chuva forte.

A água que escapava das nuvens parecia querer destruir de alguma maneira a construção simplória que teimava manter-se erigida. A despeito dos pingos grossos e dos ventos que faziam tremer as telhas daquela casa, a senzala permanecia em pé. A tempestade tinha por finalidade desmanchar o local onde acontecia aquele parto – era o que dizia aquela que estava ajoelhada ao lado da cama, em meio a orações proferidas em línguas diversas.

– Até o clima quer judiar da gente, só pode ser.

A sensação era de que a natureza deveria ser a última arma dos que não os deixavam em paz. O artifício derradeiro de quem os odiava por onde quer que fossem – gente que não se conformava em vê-los com o mínimo de tranquilidade.

O bebê teve de ser recebido por trovões que por vezes eram ofuscados pelos gemidos de dor que aquela mãe envergonhava-se em proferir. Eulália sentia-se mal por não ter a mesma discrição de sempre naquele parto vexatório.

Não imaginava que pudesse mostrar-se tão estridente em sua agonia. Mas o choro ruidoso era inevitável. As lágrimas representavam o ato final de um enredo embaraçoso para Eulália.

O marido, apiedado por seu sofrimento, só lhe pedia para aguentar, não desistir de tudo, pois logo estaria terminada aquela batalha. Eles então poderiam esboçar

o alívio advindo do nascimento do seu primeiro filho – pois assim ele o seria, independente das circunstâncias relacionadas a sua chegada ao mundo.

– É nosso filho. É nosso filho que está nascendo. Nosso.

Continuava Antônio:

– Fique calma, Eulália. Tudo dará certo. Confie nisso, meu bem.

Vez ou outra, o casal era incomodado por Osmair, um dos fiscais daquela fazenda onde moravam, insensível à intimidade daquele momento. O homem de nariz pontiagudo e olhos arregalados fuçava a agitação com receio de que os dois escravos, acompanhados de outras duas pessoas, parideiras, fizessem uso do parto para confabular uma balbúrdia qualquer.

Perambulava de um lado a outro da senzala, com suas duas botas enlameadas – raspava os calcanhares de barro no chão a todo instante –, na esperança de encontrar algo de proibido que pudesse justificar seu interesse por aquele burburinho. Ria-se por não ter o que falar, a não ser reclamar.

– Anda-se logo com esse negócio, que não tenho a noite toda para ficar de butuca no que vocês estão fazendo da vida, não. Vocês precisam ir embora daqui, sim?! E logo.

O capataz tinha um chicote que costumava enrolar por toda a extensão do seu braço direito – um detalhe caricatural de alguém intransigente a qualquer ação dos escravos daquele lugar que desafiasse sua vigilância.

Prostrado em frente da senzala onde morava aquele casal, bebericava alguns goles de pinga, à espera que a movimentação cessasse para levar aqueles dois embora dali com o seu filho recém-nascido e, assim, pudesse voltar para casa para, enfim, descansar.

– Por mim, eu tinha é matado esses três aí, isso sim. E sem pensar.

Sua presença era temida por entre os negros dali desde sempre, acostumados com a violência gratuita que despejava a qualquer um deles que olhasse torto para os seus tornozelos – era violento, por vezes, sem o consentimento de seu senhor.

Os escravos aliviavam-se apenas às sextas-feiras, quando o capataz era proibido de aparecer próximo das senzalas. Era dia de festa dos serviçais daquela fazenda. Tratava-se do único capricho que ele aceitava dos negros que estavam sob seu comando.

Nenhum outro benefício ele poderia aturar, que isso ficasse claro a qualquer um – nem mesmo o parto de uma criança. Ainda mais daquela criança. Osmair chegou a sugerir que fossem ter aquele filho em outro lugar, pois aquelas terras não permitiriam nascimento tão desonroso, mas não expulsou os escravos porque sabia que, embora fosse esse o desejo da mulher do fazendeiro, o senhor feudal poderia até mesmo matá-lo por permitir tamanha brutalidade.

– Escuta aqui, Osmair, que se eu souber que você expulsou esse casal de escravos antes do nascimento da criança você preferirá ter mexido com o demônio a ter me desobedecido.

– Mas, senhor, é só um nascimento de um filho de uma família de escravos, eu penso que...

– Eu não te pago pra pensar, Osmair. Eu não te pago pra pensar, que isso fique claro. De pensar morreu um burro, Osmair.

– Mas ele vão embora mesmo, mais cedo ou mais tarde, senhor. Eu só quero ajudar o senhor.

– Isso lá não te interessa, Osmair. Seu mal é exatamente querer ajudar, Osmair. Solidariedade não é pra qualquer um, fique sabendo. Ser caridoso é pra poucos, e você não é um desses.

Pelas ordens do patrão, Osmair tinha de garantir apenas que a criança nascesse. Tão logo escutasse os primeiros choramingos do bebê, trataria de agilizar a saída daquela gente.

A impaciência do capataz parecia dificultar o trabalho de parto de Eulália, que chegou a chorar por medo de não conseguir fazer seu filho vir ao mundo – sofrimento só amenizado quando ela notou o quanto o rebento, enfim nascido, puxara os seus traços.

– Ele é sua cara, mulher.

– E a sua também, Antônio. Felizmente.

Jamais precisaria sentir-se envergonhada quando espiasse o filho, pois ele se parecia muito com ela. Estava exaurida pelo esforço para arrancá-lo do próprio ventre, mas satisfeita por perceber que o destino não havia sido tão cruel quanto poderia. Um respiro que o acaso sempre sabe conceder até mesmo à pior das fatalidades.

Ainda com as pernas bambas, Eulália levantou-se da cama algumas horas depois do parto, despediu-se dos amigos que assistiam emudecidos a sua fuga compulsória. Ela e o marido cobriram-se com uma lona velha que mais protegia a criança que os seus corpos e seguiram atrás do capataz, feliz por finalmente ver-se livre da razão de sua insônia.

Osmair ainda quis agredir o marido, relutante em ser tão rápido no galope quanto o era o capanga em seu cavalo, mas temeu que a violência pudesse chegar aos ouvidos do senhor feudal – e ainda que o alvo do afeto do barão fosse a mãe e a criança, não sabia que reação poderia ter aquele homem, agora embalado por uma tristeza sem precedentes.

Deixou-os próximo da fazenda de um dos condes mais progressistas da região de Piracicaba. O negócio já estava feito. Mercadoria entregue, o capataz foi-se embora embriagado pela raiva que se misturava ao álcool com o qual forrara o estômago. Que nunca mais encontrasse aqueles negros em seu caminho, ou não saberia agir com a tolerância que fora obrigado a desempenhar na missão daquela noite.

II.

Antônio e Eulália eram, até aquela fuga em uma noite chuvosa, funcionários de um desses nobres da época, senhores de engenho que acreditavam ser dono de muito mais que aqueles infinitos alqueires que se perdiam no horizonte. Vida difícil, principalmente por conta dos abusos de autoridade que eles eram obrigados a lidar por parte dos capangas e capitães do mato do lugar.

Eulália era das escravas mais formosas daquele lugar, negra de rosto expressivo, olhos cativantes, sorriso que foi capaz de demolir os preconceitos de um senhor feudal que sempre se mostrou vaidoso por nunca ter se misturado aos que não tinham a sua estirpe.

O dono das terras era dos escravagistas mais corpulentos daquelas bandas, com suas centenas de escravos amontoados nas senzalas localizadas em um dos cantos de sua fazenda. Era um homem de voz rouca e imperativa. Cabelos ralos, orelhas que queriam desgrudar-se da cabeça, nariz grosso e avermelhado.

O barão espiava, da varanda, a movimentação daquela gente tão estranha ao seu olhar, com suas cantorias e alegria que lhe pareciam não só despropositadas, mas desafiadoras.

Tinha o costume de sempre escolher dois ou três dos mais robustos e lhes castigar, em um momento de fúria qualquer, para legitimar a sua malquerença – se algum negócio não havia vingado, ou então soubera de

um problema que lhe parecia de solução improvável, ia até a senzala e descontava sua mágoa nos seus escravos, sem explicar a ninguém a razão de seu furor.

Não havia maldade alguma em seu ato – ou se a havia, ele não se apercebia dela, nem fazia questão de ter tal percepção. Acreditava apenas exercer o direito legítimo de tratar suas posses como bem quisesse. Encarava os seus negros como pessoas capazes de acalmá-lo, qualquer que fosse a agonia que lhe afligia.

O sofrimento mudo dos que ajoelhavam diante do seu chicote tornava seus problemas menores. Espiava a dor que muitos teimavam em não demonstrar e divertia-se com aquele orgulho bobo de quem tentava conservar alguma dignidade em um momento como aquele.

– Acalme-se, homem, que eu posso não saber por que estou te batendo, mas você sabe muito bem porque está apanhando.

Vez ou outra, o barão era acossado pela culpa. Não conseguia dormir, pois pensava no que havia feito. Chegava a pensar se deveria pedir desculpas aos escravos. Sentia-se mal por cultivar essa fraqueza inexplicável. Não raramente, terminava por açoitar algum outro empregado de pele escura, a fim de certificar-se de que era austero como deveria sê-lo no trato com os seus empregados.

Em seus ímpetos de violência, recebia a ajuda de gente como o capanga Osmair para serviços desse tipo. Era ele o responsável por trazer os homens que seriam castigados por seu patrão e invariavelmente era

humilhado pelo senhor feudal, por conta dos deslizes que fatalmente iria cometer.

Na verdade, diante do ódio que lhe contorcia a língua, o senhor feudal nem precisava de pretextos para incomodar-se com o seu empregado – bastava-lhe enxergar um passo atravessado para logo pôr-se a criticar o homem que trazia os escravos para a próxima surra.

– Vamos, seu inútil. Apresse-se, ou então quem vai apanhar é você.

Osmair sentia-se mais subjugado que os negros nesses momentos, pois aos escravos sobrava certa polidez ao final das sovas que levavam sem motivo algum, enquanto a Osmair não havia atenuante algum por parte de seu patrão.

– Leve meus negros para as suas casas, Osmair. E tome cuidado para não machucá-los ainda mais, ou eu te arranco o couro, entendeu?!

Era nesses momentos em que o barão se revelava peculiar em sua cólera. No restante do tempo, comportava-se de forma mais discreta com os seus empregados. Se não era gentil, ao menos estava longe de alvorar autoritarismo sempre que possível. Até censurava a hostilidade de alguns de seus funcionários, no dia a dia com os escravos. Tinha gosto em parecer tolerante.

– Não precisa ser violento assim, Osmair, que isso lá não é bicho para tratar na base do pontapé. Deixe que de castigo entendo eu. Saia daí, vai, que parece que só faz besteira, caramba.

O capanga tinha de lidar com o ressentimento que sentia por aquele tratamento indigno. O fazia com aparente serenidade, e o barão certamente apostava na tranquilidade de quem lhe devia gratidão, e nada mais – mas Osmair remoía aquele servilismo ultrajante em meio à saliva. Cuspia uma ira impossível de ser digerida.

III.

Aconteceu por acaso.

Em uma de suas andanças a cavalo na fazenda, o senhor feudal começou a espiar com interesse Eulália. A escrava que se posicionava sempre perto das margens do ribeirão para lavar suas roupas e cantar chamou-lhe a atenção sobremaneira.

Foi estranha aquela atração, pois nunca havia sentido algo semelhante. Mas a simples visão da escrava, com sua beleza crua, sentada ao lado da água corrente, trazia-lhe algo de novo.

O acaso trouxera-lhe aquela paixão carente de explicações ou sentido. Apenas sabia que precisava cortejá-la. Tinha de demonstrar seu afeto a quem lhe devia obediência.

Não houve qualquer premeditação naquela ação. Quando se deu conta, estava próximo dela. Observava-a. O acaso. Era nele que o senhor feudal depositava a culpa por aquele sentimento inconveniente. O acaso. Foi dessa maneira que apaixonou-se por quem não poderia. Passeava por ali quando o destino quis cutucá-lo com uma paixão desconcertante.

Não tinha culpa alguma em ver-se refém de um sentimento afetivo destinado a quem não o merecia. Paixão não se julga, pois se brota de circunstâncias ingovernáveis. Por acaso.

Por outro lado, Eulália sentiu-se intimidada quando percebeu o interesse que havia despertado em seu patrão. Deixou de cantar assim que percebeu ser

espiada pelo barão. Escondeu sua alegria por entre as peças sujas que tinha de lavar.

O acaso zombava da escrava, justamente ela, das mais discretas daquela fazenda, a ver-se alvo de uma ternura tão angustiante. O homem só poderia querer aproveitar-se dela – interesse que dava para ser lido por entre os olhos cerrados do nobre.

Eulália sabia não haver amor possível entre ambos, cada qual ocupante de uma posição social que impossibilitava qualquer aproximação. Caso aquela história se desenrolasse, estava ela prestes a protagonizar um caso de final já conhecido – doído, inevitável.

Olhava para as feições do senhor feudal, quando a vergonha permitia fazê-lo, apenas para certificar-se de que ele parecia disposto a cortejá-la – maldizia-se por ser ela a escolhida por aquele homem.

O destino reservava-lhe mais um percalço, diante de outros tantos que já havia sofrido até chegar àquela fazenda. Dos abusos dos tempos de infância aos castigos por não aceitar quem queria sujar sua dignidade, a negra carregava na mente as consequências doloridas de ser quem era.

Parou de cantar. Tinha a esperança tola de que o silêncio pudesse inibir o acaso. O senhor feudal notou a diferença de comportamento de sua empregada. Perguntou-lhe a razão da alteração, ele não se importaria em vê-la alegre, até gostava – assustou-se com a cordialidade de suas palavras, mas não saberia fazer uso de outro tom para conversar com aquela

mulher. Eulália explicou-lhe que sua presença a deixava inibida, e ele riu-se da espontaneidade da escrava. Quando percebeu, havia destinado um elogio à negra, o que o incomodou ainda mais.

– Você é bonita demais para sentir-se envergonhada.

Sentiu-se desconfortável após proferir aquele elogio sincero – era como se traísse alguma regra que não saberia dizer qual era. As palavras pareciam desobedecer aos seus princípios, ainda que verdadeiras, ou exatamente por isso – não há inimigo maior das razões de um homem do que as verdades que possam colocá-las em xeque.

– Não se acanhe, mulher. Como é seu nome mesmo?!

– Eulália – foi o que lhe disse a negra, sílabas suspiradas com má vontade, quase inaudíveis, mas incapazes de fazer o barão desistir de sua investida afetiva.

Pensou em descer do animal que o carregava, mas sabia que o constrangimento sentido naquele momento deveria multiplicar-se. O acaso havia empalidecido sua coragem. O destino queria vê-lo vulnerável. Estava irritado consigo, mas não conseguia demonstrar qualquer zanga diante daquela mulher que se negava a corresponder ao seu afeto.

Foi imóvel que assistiu a escrava escapar-se de seu galanteio, sem notar o quanto ela estava temerosa das consequências de sua desfeita. Eulália agarrava-se aos orixás que lhe protegiam. Pedia para sua fuga ocorrer

com tranquilidade. Temia, porém, que divindade alguma pudesse protegê-la do mal que se avizinhava a partir de então. Precisava que os deuses amenizassem os malefícios oriundos daquele afeto maldito que o senhor feudal queria destinar-lhe.

Não poderia ela contar com o acaso para ajudá-la.

IV.

Paralisado pela vergonha, assim permaneceu enquanto olhava a escrava voltar-se para sua senzala. Paralisado pelo susto de ter feito o que fez, de não ter se apercebido de sua própria importância, de ter subordinado sua autoridade a um sentimento como aquele. Paralisado pela angústia decorrente da possibilidade de não ser correspondido por Eulália em seu afeto.

Demorou-se a sair dali, pois não poderia abandonar a perplexidade que lhe tomara – estava envolto em dúvidas que comiam umas às outras, sem saber quais delas o incomodava mais. Apenas precisava permanecer imóvel. Qualquer trote de seu cavalo deveria fazê-lo desmoronar de vez.

Era preciso, se não entender, aceitar melhor o que fizera. A maneira como se mostrara fraco diante de uma escrava. Mas que não se enganasse: estava paralisado também por ter gostado do que havia acabado de acontecer.

A autoestima, encardida, veio beliscar-lhe o ego algumas horas depois daquilo tudo. O ridículo da cena começou a oprimi-lo. Para sanar o desconforto que agora surgira com força, o senhor feudal precisou voltar à senzala novamente naquela noite, ter com os seus negros, castigá-los. Ele precisava demonstrar a si próprio que não estava de conchavo com gente como aquela mulher.

Escolheu logo aquele que diziam ser o marido da escrava fruto do seu interesse. Foi por acaso, quis argumentar. Novamente ele, o acaso. Soube só depois quem se tratava aquele negro de altura descomunal, orelhas finas, lábios rosados, cabeça baixa que objetivava não encarar a realidade que desafiava a sua serenidade.

– É você mesmo que vai apanhar – apontou-lhe, assim que notou a proximidade dele e Eulália. O senhor feudal demorou-se a pronunciar essas palavras. Estava novamente paralisado por ver-se diante daquela mulher. Chegou a sentir compaixão do sofrimento de Eulália. Mas não poupou aquele homem.

Pena não sentir o prazer que acreditou possível alcançar ao castigá-lo. O choro de Eulália arrancava-lhe a força de suas chibatadas.

– Toma, Osmair. Continue você com o castigo. Hoje, eu só quero assistir, vai.

Antônio teve de arcar com os danos que o orgulho ferido daquele barão causava em sua alma. O capanga caprichou nas chibatadas que cortaram as costas do negro. A esperança do barão era que o gesto de virilidade pudesse convencê-lo de que aquele flerte não continha significado mais opulento.

Estava enganado.